

Formação, evolução e possíveis implicações da Guerra Russo-Ucraniana para o cenário internacional e para o Brasil

Rafael Pereira Bezerra*

Introdução

A Ucrânia é um país localizado na Europa Oriental, sendo o segundo maior país em extensão da Europa depois da Rússia, abrangendo uma área de 603.628km², fazendo fronteiras com a Rússia, Belarus, Polônia, Eslováquia, Hungria, Romênia e Moldávia. Possui uma população de 43,6 milhões de pessoas, o oitavo país mais populoso da Europa e um litoral ao longo do mar de Azov e do mar Negro. Sua capital é a maior cidade do país, Kiev (WIKIPEDIA, 2022).

Seu surgimento está relacionado com a Revolução Russa, por meio de um movimento nacional para a autodeterminação e fundação da República Popular da Ucrânia, reconhecida internacionalmente e declarada em 23 de junho de 1917. A República Socialista Soviética (RSS) ucraniana foi um membro fundador da União Soviética em 1922. O país recuperou sua independência em 1991, após a dissolução da União Soviética (POTY, 2019).

Após a independência, a Ucrânia declarou-se um Estado neutro, formando uma parceria militar limitada com a Rússia e outros países da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), ao mesmo tempo em que estabeleceu uma parceria com a Organização

do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em 1994 (WIKIPEDIA, 2022).

De acordo com Sharakian (2014), no que tange à sociedade e características socioculturais, a Ucrânia pode ser dividida em três regiões distintas: a região ocidental, com inclinações para a Europa Ocidental, com forte influência católica e onde se encontra forte sentimento nacionalista e antirrusso; a região central, onde se encontra Kiev, é predominantemente agrícola, amplamente ortodoxa em termos religiosos e a língua praticada é a russa, nas maiores cidades, e a surzhyk – um *mix* linguístico, na área rural; e a região sudeste, que constitui a parte do país mais russificada, sendo uma mescla de ucranianos russificados e russos étnicos. É o coração industrial da Ucrânia, onde se incluem cidades de significância histórica do país, como Kharkiv e Odessa, além da península da Crimeia, antes de ser anexada pela Rússia.

Questões fronteiriças com a Rússia são bastante evidentes na Eurásia. Os conflitos surgiram após 1991, devido à dissolução da URSS e do Pacto de Varsóvia, acarretando a retirada das tropas soviéticas estacionadas nos países do Leste Europeu e na Alemanha. Segundo Poty (2019), o colapso do Pacto de Varsóvia levou à reunificação da Alemanha, por meio de negociações do líder soviético com governantes ocidentais, durante as quais houve a promessa – não escrita – dos

* Maj Inf (AMAN/2002, EsEFEEx/2008, EsAO/2011). Tem experiência na área de segurança e defesa, com ênfase em operações militares, avaliação física, treinamento físico, treinamento de equipes e desporto de alto rendimento. Atualmente, é instrutor da EsAO.

dirigentes americanos de que a OTAN não avançaria para além das fronteiras da Alemanha. Não foi, porém, o que aconteceu.

A OTAN não só estabeleceu bases em todos os países do Leste Europeu, como programou a instalação de radares e equipamento antimísseis balísticos na Polônia e na República Tcheca, a pretexto de que seriam contra ataques do Irã.

Outros países também possuem divergências com Moscou. Como exemplo, temos a Geórgia, com o então presidente Saakashvili, que tentou tomar duas regiões autônomas – a Abkhazia e a Ossétia do Sul –, terminando com a vitória das tropas russas e a concessão de independência dessas áreas; e também a Moldávia, por causa da Transnístria, região de população quase totalmente russa, que atualmente reivindica independência e integração à Rússia (POTY, 2019).

Nesse sentido, entramos no caso da Crimeia, que foi parte da URSS, sendo doada, em 1954, por Khrushchev, à Ucrânia. Nela estava localizada a Frota do Mar Negro (FMN), espólio da URSS, gerando conflito com a Rússia quando a Ucrânia demonstrou interesse em controlá-la. Assim, a Rússia passou a pressionar a Ucrânia a escolher entre o controle da FMN ou a manutenção da Crimeia como parte de seu território. Por fim, o controle da FMN passou para a Rússia e a Crimeia passou a ser uma região autônoma dentro da Ucrânia (SHEEHY, 1992).

A crise na Ucrânia elevou-se em novembro de 2013, quando o governo do então presidente ucraniano Viktor Yanukovich, representante da oligarquia do leste ucraniano, fortemente vinculada à Rússia, anunciou que havia abandonado um acordo como primeira etapa para posterior ingresso na União Europeia (UE) e OTAN, devido à forte pressão exercida pela Rússia, reestabelecendo uma aproximação maior com Moscou por meio da União Econômica Eurasiana (MIELNICZUK, 2006).

Manifestações ocorreram na Praça Maidan, em Kiev, exigindo a renúncia de Yanukovich, levando a um acordo intermediado por representantes da Polônia, da França e da Alemanha, em que foram estabelecidas: a libertação dos manifestantes presos, a redução dos poderes do presidente Yanukovitch, com

incremento do poder do Parlamento, a reforma constitucional e as eleições antecipadas para a presidência e para o parlamento. O dia seguinte, no entanto, foi marcado pela rebelião contra a sua aceitação, comandada por Dmitri Yarosh, ligado aos grupos radicais de direita, e pelo assassinato de cerca de 100 pessoas. Esse acontecimento pôs fim ao acordo realizado, pois resultou na fuga do país do presidente Yanukovitch e em pressões sobre o Parlamento para a escolha de um governo provisório (POMERANZ, 2014).

Imediatamente, os Estados Unidos da América (EUA) e líderes da UE reconhecem o governo provisório ucraniano, enquanto a Rússia não o considerou legítimo, passando a reforçar o contingente militar mantido na península, alegando o dever de proteger os cidadãos russos onde estivessem. Na verdade, seus interesses eram suas bases navais, as únicas com acesso às águas quentes e com saídas para a Europa, o Oriente Médio e a África. Um dos primeiros atos do novo governo foi uma lei banindo a língua russa como segunda língua do país, provocando revoltas no Leste e no Sudeste com maioria da população russa, particularmente na Crimeia, onde estavam localizadas as bases navais da Rússia, com os militares e suas famílias (POMERANZ, 2014).

A Crimeia, que possuía um regime político particular, dispo de constituição e parlamento próprios, declarou-se uma república autônoma, decidindo realizar um referendo sobre sua incorporação à Rússia, recebendo apoio do governo russo. 83,1% da população compareceu as urnas, exceto a de Sebastopol; 96,77% votaram na alternativa de reunificação com a Rússia. Assim, o parlamento russo aprovou a reincorporação da Crimeia (**figura 1**) – (ADAM, 2008).



Figura 1 – Anexação da Crimeia
Fonte: Opera Mundi

A questão foi levada à Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), pelos países Alemanha, Canadá, Costa Rica, Lituânia, Polônia e Ucrânia, para manter a integridade territorial da Ucrânia e tornar o plebiscito ilegal. Apesar da aprovação pela maioria dos países, a Crimeia foi mantida como parte da Rússia, gerando diversas sanções contra Moscou, como a declaração de ilegalidade do referendo realizado na Crimeia, suspensão da Rússia do G8, entre outras (SHARAKIAN, 2014).

As retaliações contra a Rússia, contudo, geraram manifestações no leste e sudeste da Ucrânia em defesa da língua e cultura russas, demandando autonomia, uma organização federal do país ou integração com a Rússia. As manifestações mais relevantes ocorreram na região de Donbass, particularmente em Luhansk e Donetsk. Esta última chegou a proclamar a República Popular de Donetsk e a programar um referendo para legitimá-la. Nesse contexto, surgiram

acusações de que a Rússia, além de estimular, estaria enviando militares e seus serviços especiais para a região (ADAM, 2008).

As manifestações perduraram, atingindo grandes proporções e ficando mais violentas, na medida em que o governo as declarou como ações terroristas, reprimindo-as violentamente. Como exemplo disso, tem-se a chacina ocorrida em Odessa, totalizando 49 mortes e inúmeros feridos, lembrando o massacre da Praça Maidan. Tal fato levou o presidente russo a dialogar com líderes de Donetsk e Luhansk, a fim de suspender os referendos sobre a autonomia de suas regiões, aceitar o governo provisório e a validade das eleições propostas para 25 de maio, em troca de assegurar os direitos à língua e à cultura russas (POMERANZ, 2014).

Os separatistas não atenderam a Putin, realizando os referendos e autoproclamando suas regiões como repúblicas populares independentes. O governo lançou intensa ofensiva, marcada pela violência da repressão, sob a chamada Operação Antiterrorista – OAT, apoiada pelo então candidato à presidência majoritário nas pesquisas de opinião pública, Petro Poroshenko, resultando na intensificação da guerra civil nas regiões leste e sudeste (POMERANZ, 2014).

Petro Poroshenko foi eleito com 54,7% dos votos. Concomitantemente, ao lado da votação para a presidência do país, foi feito um referendo sobre a integração da Ucrânia à UE (52,3%) ou à União Aduaneira comandada pela Rússia (47,7%). O novo presidente eleito, em suas primeiras declarações, insistiu na intensificação das ações da OAT para liquidação da insurgência, como na retomada do aeroporto de Donetsk e no bombardeio da sede da administração governamental de Luhansk. Em seu discurso de posse, ofereceu anistia aos insurgentes, desde que se rendessem e não tivessem matado alguém; reforçou, também, que a Ucrânia deveria assinar o acordo com a UE e realizar conversações com Putin (DIAS, 2015).

Após o insucesso de várias tentativas para se chegar a um acordo político que estabelecesse o cessar-fogo nas zonas de conflito no sul e leste ucraniano, os líderes da Rússia, da Ucrânia, da Alemanha e da França conseguiram promover um acordo com os separatistas

ucranianos, na cidade de Minsk, em 11 de fevereiro de 2015. O Protocolo de Minsk foi estabelecido na base do respeito pela integridade territorial e pela soberania da Ucrânia, prevendo um cessar-fogo a partir de 15 de fevereiro, a retirada de artilharia pesada, a criação de uma zona de segurança e a entrega do controle total da fronteira à Ucrânia até o final de 2015 (DIAS, 2015).

Desenvolvimento

A evolução do conflito

Desde a assinatura do Protocolo de Minsk, em 2015, violações do cessar-fogo de ambos os lados foram comuns. A tensão só aumentou, em 2019, com a eleição do presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, não alinhado ao Kremlin e dando sinais de aproximação com a OTAN. Isso tudo culminou com aumento de tropas e material na região, levando a uma nova escalada das tensões entre 2021 e 2022, quando ficou claro que a Rússia estava considerando lançar uma invasão militar à Ucrânia. Assim, em fevereiro de 2022, a crise se intensificou e as negociações diplomáticas para subjugar a Rússia falharam, atingindo seu ápice quando a Rússia moveu forças para as regiões controladas pelos separatistas.

Em dezembro de 2021, Putin apresentou à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) – aliança militar ocidental – uma lista de exigências de segurança. A principal delas era a garantia de que a Ucrânia nunca entraria nessa organização e que a aliança reduzisse sua presença militar na Europa Oriental e Central. As negociações, contudo, não avançaram, e o acúmulo de forças militares nas fronteiras não arrefeceu, apesar do esforço diplomático empreendido no começo de 2022 (BBC, 2022a).

Em 21 de fevereiro de 2022, o governo russo reconheceu formalmente as autoproclamadas República Popular de Donetsk e República Popular de Luhansk como países independentes. No dia 24, o presidente russo Vladimir Putin ordenou a invasão do leste da Ucrânia, iniciando um dos maiores conflitos

militares na Europa desde a Segunda Guerra Mundial (2GM), reacendendo o conflito iniciado em 2014 e desencadeando a maior crise de segurança no continente desde a Guerra Fria, perdurando até os dias atuais (figura 2) – (GALVANI, 2022).



Figura 2 – Invasão do leste da Ucrânia
Fonte: Reuters, New York Times e BBC

A Ucrânia recebeu uma grande onda de apoio internacional de diversos países, tanto no âmbito militar – com diversas nações ocidentais enviando armamentos, drones, sistemas de defesa contra ciberataques e outros –, quanto no repúdio de instituições globais e de grande parte do setor privado aos ataques. Destaca-se a atuação do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, pressionando as nações ocidentais pelo apoio militar e humanitário, além de tentar negociar a entrada do país na UE e até na OTAN (GALVANI, 2022).

A reação global e os impactos na economia russa foram devastadores: ativos de bancos russos, de oligarcas russos e de pessoas ligadas ao governo de Vladimir Putin foram congelados em diversos países; o rublo atingiu a mínima recorde, levando o Banco

Central russo à suspensão de negociações por diversos dias na Bolsa de Valores de Moscou; a exclusão de bancos russos do sistema global de pagamentos *Swift* isolou a Rússia do ambiente de negócios internacionais; houve ainda a suspensão da certificação do megaprojeto Nord Stream 2 (gasoduto) pela Alemanha, finalização de negociações com a McDonalds, Netflix, Spotify etc. (BBC, 2022b).

Após meses de conflito, o governo ucraniano classificou a ofensiva russa como segunda fase, pelo fato de a Rússia ter mudado de estratégia diante da resistência apresentada pelos ucranianos. Inicialmente, os russos tentaram tomar diversas partes da Ucrânia com bombardeios e invasão de tropas, incluindo a capital Kiev. Depois de alguns fracassos em lugares como Kiev, no entanto, eles concentraram seus esforços em Donbass e Mariupol. Uma nova frente de combate também foi formada em Lviv, no oeste do país, pouco alvejada no começo da invasão (figura 3) – (CARDOSO; MANO; SCHNEIDER, 2022).



Figura 3 – Segunda fase do conflito
Fonte: Institute for the Study of War

Segundo a vice-ministra da Defesa ucraniana, Hanna Maliar, os combates no leste da Ucrânia atingiram a intensidade máxima e o país caminha para uma fase longa e difícil, referindo-se ao esforço russo para tomar algumas das principais cidades da região,

como Severodonetsk e Lisitchansk, cuja posse passaria ao controle russo quase toda a província de Luhansk, um dos objetivos principais do Kremlin (FOLHA DE S.PAULO, 2022).

Em Kharkiv, segunda maior cidade da Ucrânia, analistas militares dizem que houve uma inversão no fluxo dos combates. Há algumas semanas, eram as tropas ucranianas que forçavam as russas a recuar em direção à fronteira nordeste do país. Agora, as forças de Moscou conseguiram manter controle sobre uma faixa de território e impediram que os adversários cortassem suas linhas de suprimento (figura 4) – (FOLHA DE S.PAULO, 2022).



Figura 4 – Intensidade máxima do conflito
Fonte: Financial Times

De acordo com o chanceler ucraniano, Dmitro Kuleba, algumas cidades e vilarejos, em especial no leste da Ucrânia, já não existem mais devido ao poder da artilharia russa com seus sistemas múltiplos de lançamentos de foguetes. O ministro ressaltou que o objetivo atual é tentar diminuir a enorme disparidade entre os arsenais russo e ucraniano. Tal assertiva foi confirmada pelo presidente, que reiterou os pedidos de apoio aos países ocidentais (BBC, 2022a).

O premiê alemão, Olaf Scholz, em discurso no Fórum Econômico Mundial, em Davos, afirmou que Putin não alcançou seus objetivos estratégicos e que a captura de toda a Ucrânia estava mais distante agora

do que no início da guerra, e que a paz não seria ditada por Moscou. Por fim, acrescentou que não faria nada que pudesse levar a OTAN à guerra, ou seja, um conflito entre potências nucleares (FOLHA DE S.PAULO, 2022).

Na prática, o conflito não está definido. Nota-se um esforço hercúleo da Ucrânia em busca de resistir à superioridade bélica russa, o que não seria possível sem o apoio do Ocidente. Salienta-se, ainda, que a guerra não tem uma previsão de término, já que sucessivos encontros entre representantes dos dois países fracassaram, até o momento, em garantir um cessar-fogo definitivo.

As consequências da guerra

A invasão russa gerou uma reação em cadeia global. Os preços de referência globais do petróleo subiram acima de US\$110 por barril, recorde dos últimos oito anos, causando um incremento do preço no mundo. As sanções econômicas impostas a Moscou causaram também receio de interrupção do fornecimento de energia para a Europa e para o mundo (CARDOSO; MANO; SCHNEIDER, 2022).

De acordo com Galvani (2022), o risco de estagflação – aumento da inflação e baixo crescimento econômico – é bastante plausível de ocorrer, causando aflição nos formuladores de políticas monetárias em todo o mundo.

O conflito revelou um conjunto de países alinhados com o Kremlin. São eles: Belarus, servindo de base para condução de testes militares russos, além de ser acusado de ataques pela Ucrânia, sofrendo sanções de outras nações; Venezuela, apoiando claramente as investidas russas contra a Ucrânia; Nicarágua, apoiando publicamente as ações russas, embora tenha defendido uma solução diplomática para o conflito; Cuba, que criticou os EUA e a expansão progressiva da OTAN em direção às fronteiras da Rússia, semelhantemente ao que foi emitido pelo Irã; Síria, que defendeu fortemente a postura de Moscou.

Além das nações citadas, a Índia ao lado da China e dos Emirados Árabes Unidos abstiveram-se de votar a favor de resoluções contra a Rússia no Conselho de Segurança. A China, contudo, afirmou que a OTAN, capitaneada pelos EUA, elevou a tensão entre a Rússia e a Ucrânia (FOLHA DE S.PAULO, 2022).

Outra consequência foi a crise dos refugiados. De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), o movimento de fuga já envolveu o deslocamento de mais de 6,5 milhões de pessoas dentro do país. Além disso, mais de 3,5 milhões já deixaram a Ucrânia em direção a países vizinhos, a maior crise migratória no continente desde a 2ª GM. A Polônia é o principal destino de quem sai da Ucrânia (BBC, 2022b).

A guerra de comunicação é um reflexo bastante presente no conflito. A contenda tornou-se o assunto mais comentado nas redes sociais, e as diferentes versões do conflito passaram a gerar reflexos práticos. A Rússia afirmou estar lutando contra a guerra de informação do Ocidente, aprovando uma lei que impõe penas de prisão a veículos de comunicação ou pessoas que promovam a desinformação (BBC, 2022a).

Mais uma consequência desse conflito são os riscos nucleares. A disputa pelo controle de usinas nucleares na Ucrânia e o gesto de Putin de colocar em alerta as forças nucleares russas acenderam um sinal de preocupação na comunidade internacional. Houve ainda um ataque à maior usina nuclear da Europa, Zaporizhzhia, provocando um incêndio, e a proibição de saída de funcionários da usina de Chernobyl (FOLHA DE S.PAULO, 2022).

A consequência mais temida pela comunidade internacional e comentada pelo premiê alemão, Olaf Scholz, no discurso no Fórum Econômico Mundial, em Davos, refere-se ao que seria uma Terceira Guerra Mundial (FOLHA DE S.PAULO, 2022). Essa possibilidade existe e é real. Basta analisar a conjuntura atual e constatar a velha disputa da Guerra Fria entre a Rússia e os EUA. Veladamente, alianças estão sendo formadas e uma ampla rede de apoio sustenta as ações dos principais contendores, sendo plausível o recrudesimento para um conflito a nível mundial. Por hora, verificam-se na mídia apenas ameaças.


Conclusão

O Brasil posicionou-se de forma crítica aos ataques da Rússia, votando favoravelmente à resolução das Nações Unidas contra a guerra e às resoluções aprovadas pelo Conselho de Direitos Humanos da ONU. O Ministério das Relações Exteriores coordenou ações para retirar brasileiros da Ucrânia e realizou gestões para autorizar a estada de quem chegava da Ucrânia. Mais de 1.100 ucranianos desembarcaram no Brasil desde o início da guerra, recebendo a concessão de visto humanitário (FOLHA DE S.PAULO, 2022).

Como consequência direta para o Brasil, cita-se o emprego das Forças Armadas para evacuação de brasileiros da região do conflito e a recepção/interiorização dos refugiados ucranianos. Outras consequências se encaixam no campo militar, especificamente no tocante ao preparo da Força Terrestre, como a análise do cenário do conflito e a constatação da importância da guerra regular. Manobras e operações clássicas, tidas como obsoletas e ultrapassadas, como, por exemplo, a

transposição de cursos d'água, estão sendo largamente empregadas, evidenciando a importância dos assuntos ministrados em nossas escolas de formação.

Nesse sentido, verifica-se também que, apesar da superioridade bélica da Rússia, o conflito já perdura meses, comprovando que a tecnologia é importante, mas nada supera o valor humano e a vontade de vencer e de defender a pátria. Milhares de civis se apresentam como voluntários às forças ucranianas, engrossando e completando as baixas da guerra, tornando muito difícil para os russos diferenciar quem é de fato o inimigo. Esse dado reforça a importância da nossa doutrina de defesa voltada para Amazônia, a da lassidão.

Por fim, a Guerra Russo-Ucraniana é um conflito moderno, com o emprego de tecnologia de ponta combinada com guerra regular. A situação atual está indefinida, apesar da superioridade bélica da Rússia, e seu desfecho pode levar a inúmeras possibilidades. A guerra resulta da evolução e intersecção de questões identitárias, políticas, socioeconômicas e geoestratégicas, trazendo consequências para o mundo e para o Brasil. 

Referências

ADAM, Gabriel Pessin. **As relações entre Rússia, Ucrânia e Belarus e o papel que nelas exercem os recursos energéticos**. 2008. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio grande do Sul, 2008.

BBC NEWS BRASIL. **Por que motivos a Rússia invadiu a Ucrânia**: resumo. 4 mar 2022a. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60606340>. Acesso em: 29 maio 2022.

BBC NEWS BRASIL. **Como está a guerra entre Rússia e Ucrânia?** Leia o resumo. 19 abr de 2022b. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60740855>. Acesso em: 29 maio 2022.

CARDOSO, Jéssica; MANO, Júlia; SCHNEIDER, Víctor. **Guerra na Ucrânia completa 1 mês sem prazo para acabar**. Poder 360, 24 mar 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/europa-em-guerra/guerra-na-ucrania-completa-um-mes-leia-principais-acontecimentos/>. Acesso em: 29 maio 2022.

DIAS, Vanda Amaro. **As dimensões interna e internacional da crise na Ucrânia**. Relações Internacionais. Março, [pp. 045-055], 2015.

FOLHA DE S. PAULO. **Rússia renova ataques no leste da Ucrânia, e combates alcançam ‘intensidade máxima’**. São Paulo, 26 maio 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/05/russia-renova-ataques-no-leste-da-ucrania-e-combates-alcancam-intensidade-maxima.shtml>. Acesso em: 29 maio 2022.

GALVANI, Giovana. **Entenda a Guerra da Ucrânia em 10 pontos**. CNN Brasil, São Paulo, 25 mar 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-a-guerra-da-ucrania-em-10-pontos/>. Acesso em: 29 maio 2022.

MIELNICZUK, Fabiano. **Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no Pós-URSS**. Rio de Janeiro, vol. 28, nº 01, janeiro/junho 2006, p. 223-258.

POMERANZ, Lenina. **A crise na Ucrânia**, São Paulo, junho de 2014.

POTY, Ítalo Barreto. **A Ucrânia independente após o fim da Guerra Fria: uma análise geopolítica (1991-2013)**. DOI: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.92323>. Ver. Conj. Aust. | v. 10, nº 52 | out/dez 2019.

SHARAKIAN, Pietro. **What is Ukraine?** Disponível em: <http://reconsideringrussia.org/>, in JOHNSONS RUSSIA LIST nº 45, 2/3/2014 # 18. Acesso em: 26 maio 2022.

SHEEHY, Albert. (1992), “**Kravchuk on the Crimean Question**”. Daily report, RFE/RL, 29 de janeiro. Disponível em: <http://www.friends-partners.org/friends/news/omri/1992/01/920129.html> > (opt,mozilla,pc,english,new). Acesso em: 23 out 2003.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Ucrânia**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ucr%C3%A2nia&oldid=63638901>. Acesso em: 22 maio 2022.